

TORTUGA

ANO 38

N.º 380

JUL / AGO 92

AFTOSA.

Essa doença

tem cura.

Espalhe isso

e não ela.

Cuide da aftosa sem descuidar do verme

(ou fritando o peixe com o olho no gato)

Nos últimos vinte anos a pesquisa voltada aos parasitas internos dos bovinos no Brasil tem sido bastante incrementada. Vários pesquisadores estudaram esquemas de controle parasitário baseados nos conhecimentos da biologia

e epidemiologia dos nematódeos gastrointestinais e pulmonares nas diferentes regiões do país.

Independente do tipo de vacina usada contra a febre aftosa (aquosa ou oleosa), o esquema de tratamento anti-helmíntico sempre deverá ser baseado na biologia e epidemiologia dos vermes. O controle da verminose é realizado levando-se em conta as épocas do ano em que o tratamento surtirá melhor efeito e, sem dúvida, estas épocas já estão bem definidas no Brasil, fruto de exaustivos trabalhos de renomados pesquisadores.

Quando a vacina contra a febre aftosa era aplicada três vezes por ano, por uma questão de facilidade de manejo, ainda que erroneamente, os criadores "faziam coincidir" as épocas de tratamento contra a verminose com os períodos de vacinação. Todavia, de nada adiantava um tratamento anti-helmíntico em fevereiro, junto com a vacinação, pois nesse mesmo mês o verme não se encontrava em um período parasitário de risco para o animal e, muitas vezes, nem presente. Na verdade, coincidindo a vacina com o tratamento anti-helmíntico fora da época correta de combate ao verme, tendo em



vista apenas economia de manejo, acarretava em desperdício de tempo e dinheiro.

Com o advento das vacinas mais modernas (oleosa e aquosa concentrada), as épocas de vacinações foram reduzidas para duas e

até, em alguns estados, para uma vez ao ano. Abriu-se uma nova problemática e se o criador não observar os períodos críticos de infecções verminóticas que no Brasil Central, em geral, são maio, julho, setembro e dezembro, corre-se o risco de agravar o estado de saúde dos animais, baixando sensivelmente a resistência do gado às infecções e diminuindo seu peso. Sabe-se que o animal deve estar saudável ao ser vacinado para ter uma boa resposta imunológica.

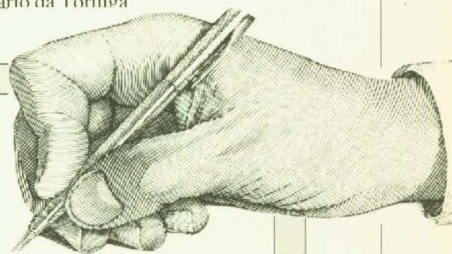
As vacinas modernas mais concentradas vieram para facilitar o manejo dos rebanhos, mas a verminose persiste e para ela não existe vacina. Portanto, os vermes devem ser controlados com tratamentos nos meses apontados pelas pesquisas, pois são épocas do ano de maior incidência de vermes, ora no pasto, prontos para atacar, ora no interior dos animais. Desta forma, é certo que o controle será bem-sucedido. Como diz a sabedoria popular, devemos fritar o peixe (aftosa) mas sem desgrudar o olho do gato (verme).

Ivo Kohek Júnior, veterinário da Tortuga

Este aviso é muito IMPORTANTE

O Noticiário Tortuga inicia nesta edição o cadastramento de seus leitores **não clientes**, conforme anunciamos na edição anterior. Isso faz parte de mudanças que serão implementadas na sua linha gráfica e editorial, que prevê inclusive aumento da tiragem. Quem deseja continuar recebendo-o religiosamente, favor preencher os cupons que acompanham apenas os exemplares

dos leitores **não clientes**, principalmente no que diz respeito ao número do CIC ou do CGC. A postagem é gratuita. Infelizmente não poderemos garantir a remessa do Noticiário Tortuga aos **não clientes** que deixarem de regularizar seu cadastro. Os clientes da empresa continuarão a receber normalmente seus exemplares.



A visita do ex-Vice presidente

Não é por ter saído errado o nome da Fazenda Nossa Senhora de Fátima que o ex-Vice presidente Aureliano Chaves deixou de visitá-la, depois que leu o artigo sobre ela na última edição do Noticiário Tortuga ("Ganhando dinheiro com o leite"). Ele foi saber como Otacílio e seu filho Nelson Fonseca Pereira, com quem desfruta antigos laços de convivência, estão conseguindo isso. Onde saiu Fazenda Icará, leia-se Fazenda Nossa Senhora de Fátima (fone 035 321-1747), dona de forte tradição na genética da raça holandesa e modelo de produtividade da pecuária leiteira do sul de Minas.

Procurando trabalho

"Técnico Agropecuário, 24 anos, solteiro, formado pela Escola Agrí-

cola Martinho Di Cerro, de Itu, SP, com estágios supervisionados em várias fazendas (Pantanal Mato Grosso, leite B, pecuária de corte e citricultura). Oferece serviços em qualquer região do Brasil, preferência em administração direta. Cartas para Evandro Cezar Cianfloni, Rua Noronha Jorge, 469, CEP 13580, Ribeirão Bonito, SP."

Colecionador do Noticiário

"Por motivo de espaço em minha residência, estou doando ou trocando por programas de computador AT-286 (IBM) todos os números do Noticiário Tortuga desde 1983 até o atual (não pretendo deixar de recebê-lo, pois é excelente). Telefone para contato ou cartas através do endereço: José Mario Bezerra de Oliveira, Rua Titico Ramires, 38,

Liberdade II, CEP 59.600-000, Mossoró, RN, ou do telefone (084) 317-3010-horários das 23:00 à 00:00h. Este horário é devido ao trabalho."

Parabéns do Zootecnista

"Tenho interesse em receber o Noticiário Tortuga, através do qual enriqueço meus conhecimentos. Aproveito para parabenizar toda equipe pelo excelente trabalho. Sou zootecnista formado na Universidade Federal de Viçosa, na qual estou atualmente cursando mestrado na área de produção animal."

José Antônio de Freitas Viçosa, MG

Noticiário TORTUGA

Publicação Bimestral da Tortuga
Companhia Zootécnica Agrária

Diretor

João Castanho Dias - MTPS 8518

Circulação

Francisca Suriano Silva

Arte

Wilson Camargo Filho e José Luís de Freitas

Fotografia

Walter Simões

Tiragem

100 mil exemplares

Redação

Av. Brig. Faria Lima, 1409 - 13º e 14º andar - CEP 01451-905 - São Paulo - Fone: 814-6122



Administração Central São Paulo - SP

Av. Brig. Faria Lima, 1409 - 13º e 14º andar - CEP 01451-905 - Tels.: (011) 814-6122 - Fax: (011) 813-6627 - Telex 1183270 TCZA BR - Cx. Postal 20890

Unidades Industriais

São Paulo

Rua Centro Africana, 219 - Santo Amaro - CEP 04730-050 - Tels.: (011) 247-3777 - Fax: (011) 521-7947

Mairinque - SP

Av. Alberto Cocozza, 3000 - Bairro Goiânia - CEP 18120-000 - Tels.: (011) 428-3433 - Fax: (011) 428-3354

Goiânia - GO

Av. Perimetral Norte, 974 - setor Cândida de Moraes - CEP 74463-330 - Tels.: (062) 271-1600 - Fax: (062) 271-1600 - Telex: 622381 TCZA BR

São Paulo - SP (Avícola)

Rua Centro Africana, 214 - Santo Amaro - CEP 04730-050 - Tels.: (011) 247-3777 - Fax: 247-5123

Centrais de Distribuição

Campo Grande - MS

Rua Naviraí, 808 - CEP 79023-160 - Tels.: (067) 751-4546 - Fax: (067) 751-2772

Cuiabá - MT

Av. Fernando Correa da Costa, 3643/3653 - CEP 78070-001 - Tels.: (065) 627-1020 - Fax: (065) 627-1616

Goiânia - GO

Av. Perimetral Norte, 974, setor Cândida de Moraes - CEP 74463-330 - Tels.: (062) 271-1600 - Fax: 271-1600 - Telex 622381 TCZA BR

Depósitos

Bagé - RS

Av. Santa Tecla, 2780 - Bairro Industrial I - CEP 96412-001 - Tels.: (0532) 42-5733 - Fax: (0532) 42-5873 - Telex: 532566 TCZA BR

Chapecó - SC

Rua Fernando Machado, 1907 D - CEP 89803-000 - Tels.: (0497) 22-2882 - Fax: (0497) 22-4712

Maringá - PR

Rua Estrada Velha, Quadra 4, Data 1, 186 - CEP 87065-270 - Tels.: (0442) 24-7800 - Fax: (0442) 24-7982

Porto Alegre - RS

Av. Pemambuco, 1255 - CEP 90240-004 - Tels.: (051) 222-6744 - Fax: (051) 222-6547 - Telex: 51494 TCZA BR - Cx. Postal 3084

Unidades de Vendas

Araguaína - TO

Rua Santa Cruz, 760 s/31/33 - Galeria Santa Cruz - CEP 77803-080 - Tels.: (063) 821-3436 - Fax: (063) 821-4020

Barra do Garças - MT

Av. Ministro Joao Alberto, 1936 - 8º andar - s/808 - CEP 78600-000 - Tels.: (065) 446-1285 - Fax: (065) 446-2069

Belo Horizonte - MG

Ruados Timbiras, 1936 - 8º andar - CEP 30140-061 - Tels.: (031) 222-6998 - Fax: (031) 224-7176

Botucatu - SP

Av. Santana, 567 - Centro - CEP 18603-700 - Tels.: (0149) 22-5152 - Fax: (0149) 22-0188

Campo Grande - MS

Rua Naviraí, 808 - CEP 79023-160 - Tels.: (067) 751-4546 - Fax: (067) 751-2772

Cascavel - PR

Rua Padre Champagnat, 80 - s/109 - Centro - CEP 85802-660 - Tels.: (0452) 23-7385 - Fax: (0452) 23-8242

Chapecó - SC

Rua Fernando Machado, 1907 D - CEP 89803-000 - Tels.: (0497) 22-2882 - Fax: (0497) 22-4712

Cuiabá - MT

Av. Fernando Correa da Costa, 3643/3653 - CEP 78100-000 - Tels.: (065) 627-1020 - Fax: (065) 627-1616

Dourados - MS

Av. Presidente Vargas, 855 - 1º andar - s/106 - Centro - CEP 79804-030 - Tels.: (067) 421-2602 - Fax: (067) 421-8776

Londrina - PR

Rua Espírito Santo, 653 - 8º andar - s/802 - CEP 86010-450 - Tels.: (0432) 24-1097 - Fax: (0432) 24-7388

Mococa - SP

Rua Barão de Monte Santo, 1382 - Centro - CEP 13730-000 - Tels.: (0196) 55-1127 - Fax: (0196) 55-3122

Morrinhos - GO

Rua D. Pedro II, 646-B - Centro - CEP 75650-000 - Tels.: (062) 421-2785/2137 - Fax: (062) 421-1787

Oswaldo Cruz

Av. Presidente Roosevelt, 632 - 6º andar - cj. 61 - Centro - CEP 17700-000 - Tels.: (0189) 61-2107 - Fax: (0189) 61-2458

Porto Alegre - RS

Rua Almirante Barroso, 735 - cj. 703 - 7º andar - CEP 90220-021 - Cx. Postal 3084 - Tels.: (051) 222-6744 - Fax: (051) 222-6547 - Telex: 51-2494 TCZA BR

Rio de Janeiro - RJ

Av. 13 de Maio, 41 - 18º andar - CEP 20031-000 - Tels.: (021) 220-0787/0287 - Fax: (021) 220-4236 - Telex: 213-1052 TCZA BR

Vilhena - RO

Rua Juscelino Kubitschek, s/nº - 1º andar - sala 2 - CEP 78995-000 - Tels.: (069) 321-2577 - Fax: (069) 321-3862



PREÇOS DO BOI GORDO

Dólares por arroba

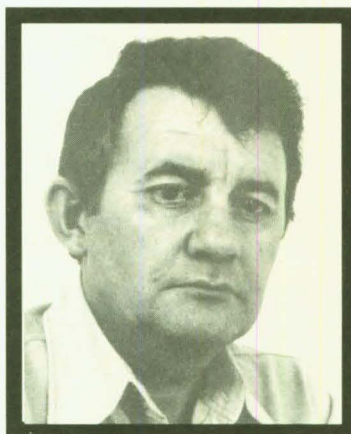
Valores expressos pela media mensal ponderada do cambio oficial



	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1990	1991	1992
JAN	19.04	16.13	20.09	16.41	18.94	28.81	14.22	19.84	31.02	19.78	21.84
FEV	17.37	14.18	19.04	13.31	16.61	24.84	15.36	20.00	29.02	18.05	19.04
MAR	16.40	12.42	17.02	13.21	15.17	18.19	18.67	23.00	23.81	19.48	17.81
ABR	16.09	14.82	15.86	11.68	15.54	27.45	16.02	24.65	20.90	17.81	21.86
MAI	16.40	14.19	18.66	10.55	15.54	19.37	13.22	31.83	23.99	17.59	19.11
JUN	16.41	13.60	18.23	9.08	17.34	19.01	21.26	41.42	31.56	19.46	18.06
JUL	20.54	16.58	19.27	17.68	20.23	18.91	23.09	28.99	35.57	22.76	18.87
AGO	20.50	17.13	20.07	19.38	26.73	20.17	22.37	33.19	33.44	25.03	22.52
SET	20.08	22.04	24.97	20.10	20.23	20.07	24.66	27.77	35.67	25.42	
OUT	18.82	21.76	22.43	26.89	24.13	23.44	23.00	24.52	29.48	30.77	
NOV	17.68	20.35	20.22	25.80	31.90	22.78	28.43	25.81	20.61	24.33	
DEZ	16.78	19.04	18.27	23.12	41.13	17.65	25.23	24.33	16.67	20.84	

Fonte: Divisão de Sistemas da Tortuga

DINO GAVA 1937 † 1992



A pecuária brasileira sofreu um grande vazio, deixado pelo médico veterinário Dino Gava. Tendo entrado na Tortuga em 1975, ele foi um dos mais competentes clínicos que o país já teve. Com grande experiência, rapidamente conseguia ver e diagnosticar as doenças que acometiam os animais, parti-

cularmente os das raças leiteiras. Durante quase trinta anos de exercício profissional, Dino Gava sempre esteve presente nos mais importantes momentos em que esteve em jogo a saúde do nosso rebanho. Formando em 1964 pela Escola Nacional de Veterinária da Universidade Rural do Brasil, RJ, no ano seguinte ingressou no Ministério da Agricultura e atuou como presidente da Comissão de Combate a Anemia Infecciosa Equina, e Inspetor da Defesa Sanitária Animal de São Paulo, dirigindo seu trabalho no combate a raiva, febre aftosa e brucelose.

Também coordenador regional do famoso Plaman, um programa que o Governo Federal lançou em 1963 para incrementar a produtividade leiteira, Dino Gava chegou na Tortuga com a função de Coordenador Nacional do lançamento do Card Test (contra a brucelose) e, posteriormente, Gerente do Departamento de Bovinocultura de Leite, distinguindo-se como incansável realizador de palestras

nas cooperativas e laticínios. Mal acabava uma, ainda arrumava um tempo para o trabalho de campo, indo as fazendas socorrer os animais ou, então, tirar o bezerro de parto difícil. Foi também mestre no toque de gravidez.

Do seu tirocinio e vivência no campo saíram muitos produtos da Tortuga, como Glicofort, um dos seus maiores orgulhos, uma raridade na farmacologia mundial em função de suas múltiplas propriedades. O Bovigold TQ é outro do seu traço inventivo. Deve-se também a ele a divulgação do conceito da formulação da ração nas propriedades.

Natural de Criciúma, SC, Dino Gava faleceu em São Paulo aos 55 anos, deixando a esposa Ignes de Oliveira Gava e a filha Mônica de Oliveira Gava. Seu corpo foi sepultado em Teresópolis, RJ, o local onde sempre dizia que passava os melhores momentos de sua travessia, ao lado de familiares e amigos, que assim puderam cumprir seu último desejo em vida.

AFTOSA.

Quem vacina

hoje, não

chora

amanhã.



Nesta sala são ordenhadas por dia as 36 vacas da mini fazenda leiteira

LEITE

Como tirar 500 litros por dia em apenas 3,5 alqueires

O napier é usado nas fazendas leiteiras mais como capineira. Para provar que ele é também bom de super-pastejo, a Embrapa-Gado de Leite desenvolveu uma tecnologia que já ganhou muitos adeptos.

Completo mais de dez anos de existência um dos mais interessantes sistemas de produção de leite do país, idealizado por três técnicos do Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Leite, situado em Coronel Pacheco, MG. Perto de 20 mil produtores já foram lá para conhecê-lo de perto e mais de quinhentos o implantaram em suas fazendas. A maior empresa captadora de leite do país (Nestlé), introduziu-o no passado entre cem de seus fornecedores.

Seu nome oficial e "Produção intensiva de leite a pasto de capim elefante" e seus idealizadores são os agrônomos Carlos Eugenio Martins e Leovigildo Lopes de Matos e o zootecnista Fermino

Deresz, todos daquela instituição da Embrapa. O sistema procura demonstrar que é possível ganhar um dinheiro extra num pedaço de chão esquecido da propriedade com tecnologia bastante acessível. Em outras palavras, tirar muito leite em pouco espaço e sem investir muito.

Curral - Essa mini-fazenda leiteira, que produz 500 litros por dia, consta basicamente de uma gleba de 6,5 ha formada com capim elefante, cultivar napier, e uma outra de 2 ha de cana-de-açúcar, num total de 3,5 alqueires paulistas. Suas instalações são apenas as indispensáveis: uma sala de ordenha manual para quatro vacas, um curral com

cocho coberto, uma picadeira de forragem e um aparelho eletrificador de cerca. Dois empregados dão conta de todos os serviços.

Seu rebanho é formado apenas por vacas em lactação. São 36 mestiças holando-zebu, o que dá uma capacidade de suporte de 6 cabeças/ha. Ordenhadas duas vezes por dia, elas ficam o ano inteiro sob pastoreio rotativo no capim elefante, cuja área acha-se dividida em onze piquetes de igual tamanho (0,6 ha cada), cercados por fios elétricos. Permanecendo três dias em cada um deles, as vacas vão sendo transferidas sucessivamente para os outros até fazer o rodízio completo. Depois de um mês elas vol-

tam para o primeiro piquete, nesta altura bastante descansado.

Maior - Nenhuma fazenda do mundo, mesmo aquelas que possuem solos extremamente férteis, conseguem tirar leite só do pasto com eficiência. Tem que haver ração suplementar no cocho e assim que também procede o sistema de produção da Embrapa. Isso lhe tem permitido apresentar 15.000 kg de leite/ha/ano, dez vezes maior que a média nacional, que anda em torno de 1.300 kg/ha/ano.

O sistema da Embrapa adota dois manejos alimentares. O das águas, que vai de novembro a maio, e o da estação seca, de junho a outubro. No manejo das águas, além do pastejo direto no capim elefante, as vacas são tratadas com concentrado e sal mineral, este à vontade. O concentrado é fornecido duas vezes por dia somente para vacas acima de 10 kg de leite, na proporção de 1 kg para cada 2 kg acima de 12 kg de leite. Metade de manhã e metade à tarde, durante as ordenhas.

Uréia - Na estação seca o manejo alimentar é mais ou menos igual ao das águas e a maior diferença é o fornecimento de cana picada misturada com uréia entre as duas ordenhas. O pastejo no capim elefante continua, como também o uso de concentrado, desta feita 1 kg para cada 2 kg acima de 6 kg de leite. Como exemplo, uma vaca que produz 10 kg de leite deve receber 2 kg de concentrado.

Logicamente para poderem suportar 36 vacas em lactação em apenas



Os piquetes são cercados por fios elétricos

3,5 alqueires, os piquetes precisam ser bem formados, bem adubados e bem manejados. O criador interessado em implantar o sistema deve primeiro fazer a calagem do solo baseado em resultados de análise, distribuindo o calcário à lanço na área escolhida, seguido de aração e gradagem para a incorporação do produto.

A próxima etapa é a do sulcamento para plantio das mudas. Os sulcos devem ter profundidade de 20 a 25 cm, contínuos, observando-se um intervalo de 50 a 70 cm entre as ruas. Em seguida faz-se a adubação a base de superfosfato simples (500 kg/ha), distribuindo-o no fundo dos sulcos para aumentar a eficiência da brotação das mudas.

Enxada - O plantio realiza-se com a colocação dos colmos no fundo dos sulcos, no sistema pé com ponta, tendo o cuidado de escolher mudas novas, de três a quatro me-

ses. Se as mudas forem muito compridas, recomenda-se cortá-las com enxada em toletes de 70 a 90 cm. O plantio termina com a cobertura das mudas com 10 a 15 cm de terra, podendo ser realizada com a mesma enxada que serviu para cortar os toletes.

Mais ou menos sessenta dias após o plantio a área já está pronta para o pastejo e desde que o criador siga todas as práticas culturais e de manejo do napier recomendadas pela Embrapa-Gado de Leite, ele terá um pasto que poderá durar de dez a quinze anos. Seus técnicos lembram que é preciso fazer adubação de cobertura e roçadas com foice para que o capim possa durar todo esse tempo. Eles lembram ainda que o capim não suporta terrenos sujeitos à inundação e que áreas com até 30% de declive podem ser perfeitamente utilizadas para a implantação do sistema.



Ostécnicos que idealizaram a mini-fazenda leiteira

MAIS INFORMAÇÕES

EMBRAPA
Centro Nacional de
Pesquisa de Gado
de Leite

Rodovia MG 133 - Km 42
Fone (032) 215-8550
Fax (032) 215-8550 - R. 166
Coronel Pacheco, MG

AFTOSA.

Pesa na

consciência

E no bolso.

□ SÍNDROME DA SUBNUTRIÇÃO □

A doença que está matando nosso gado

Nos últimos anos está grassando no Centro-Oeste brasileiro um mal de muitos nomes que divide a opinião de técnicos e criadores. As mortes são incontáveis. Apoiado numa pesquisa aplicada, onde realizou mais de 1 mil autópsias a campo, o veterinário João Osmar de Oliveira, da Tortuga, chama essa doença de Síndrome da Subnutrição. A causa primeira é a desordem nutricional provocada pelo "mar" de braquiárias que invadiu a região. Este artigo é o resumo de um trabalho mais completo de sua autoria, que será editado pela Tortuga.



A Síndrome ocorre principalmente de outubro a março

Há algumas décadas o Brasil criava pouco gado em muito espaço. As doenças eram raras e as pastagens não estavam contaminadas. De repente, acontece a abertura das novas fronteiras pecuárias, que transforma os cerrados e campos nativos num mar de braquiárias, modificando radicalmente o substrato alimentar e restringindo a alimentação de bovinos a um único capim. A Síndrome da Subnutrição é uma doença do progresso, provocada pelo desajuste entre a genética e a alimentação. Estamos tentando viabilizar uma pecuária nobre com pasto pobre. Nas fazendas que mineralizam corretamente seus rebanhos 365 dias por ano e que têm bom manejo, mesmo que localizadas em regiões problema, a sua ocorrência é muito baixa ou nula. O mal ataca todas as raças, matando mais a Nelore por ser a predominante nas criações extensivas.

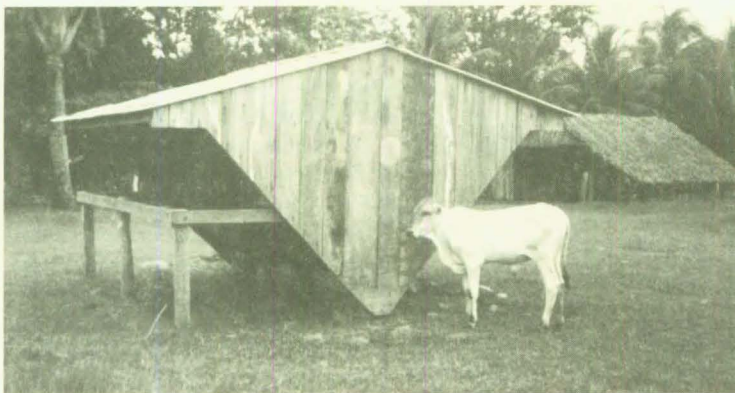
Dúvida - Existe uma forte dúvida por parte dos técnicos e fazendeiros de que a Síndrome da Subnutrição nada tem a ver com nutrição, porque a doença afeta mais vacas gordas do que magras. Esquecem estes questionadores que o fato de a vaca estar gorda indica seguramente que ela está comprometida com alto desempenho, geralmente gestante ou recém-parida. Por isso se torna muito exigente em termos de nutrição.

A causa desencadeadora da Síndrome da Subnutrição é o desequilíbrio nutricional das pastagens e a presença de substâncias bloqueadoras que interferem na fisiologia e no sistema imunológico dos animais. Os minerais exercem papel de destaque, sobretudo o fósforo e aqueles ligados ao equilíbrio eletrolítico, enzimático e hormonal.

Pobreza - Não bastasse esta reali-

dade, ainda temos que admitir as complicações existentes nas braquiárias. Além da pobreza em fósforo e outros minerais, essa gramínea apresenta altos teores de oxalatos, nitritos, etc., flutuações sazonais de potássio, da toxina fúngica esporidesmina e outros problemas que comprometem o equilíbrio e a conversão dos nutrientes. As mortes ocorrem em consequência dos distúrbios irreversíveis ou em consequência do ataque de doenças oportunistas, que se aproveitam do desguarnecimento imunitário a que ficam submetidos os animais acometidos pela Síndrome de Subnutrição. São várias as doenças oportunistas que podem estar envolvidas, entre elas as Clostridioses, a Tristeza Parasitária, Listeriose, Encefalites Inespecíficas e outras.

Sazonalidade - A Síndrome da Subnutrição não ataca igualmente os animais durante o ano todo, além de ter uma nítida característica de sazonalidade, que depende exclusivamente da chegada e do comportamento das chuvas, do clima e do pasto. Sua maior ocorrência abrange normalmente o período que vai de outubro a março. Ela está relacionada com a rebrota dos capins. A doença pode matar animais de quase todas as idades, sendo muito rara em touros e bezerros ou bezerros durante a amamentação. A maior faixa de risco abrange vacas gestantes, recém-paridas e paridas



A doença dificilmente aparece em rebanhos bem mineralizados

em gestação. As fêmeas neste estado constituem o grupo de animais que está atravessando o momento fisiológico mais exigente. Por isso se tornam extremamente vulneráveis aos transtornos causados pelas deficiências da nutrição.

Febre - A sintomatologia não tem um estilo único de manifestação. Depende sempre da soma ou ausência dos fatores coadjuvantes, mostrando os animais andar cambaleante, fraqueza, diminuição da acuidade visual e auditiva, inquietude. Também pode ocorrer, às vezes, febre inicial e depois até hipotermia, suspensão do apetite, pressão da cabeça contra obstáculos ou cercas, olhar triste, incoordenação, perda de força, desidratação, prostração e paralisia. A morte pode acontecer entre um e dois dias, ou demorar até semanas.

A Síndrome da Subnutrição tem um curso que vai de super-agudo a crônico, dependendo da resistência de cada animal e também da ação dos fatores coadjuvantes. Em alguns animais tem até curso benigno, os quais recuperam-se sem tratamento algum. É importante comentar que nos casos sub-agudos e, principalmente, nos crônicos, é comum uma voracidade muito grande por alimentos após a prostração do animal. Ele pasta todo o capim ao seu redor e até onde consegue rastejar.

Quanto mais tempo os animais levam para morrer após a manifestação clínica da Síndrome da Subnutrição, mais evidentes são as lesões encontradas na necrópsia. Destacamos a frequência de lesões do fígado, coração, aparelho digestivo, rins e pulmão. Não é raro constatar acentuada retenção urinária. O comprometimento do sistema nervoso não pode ser percebido a olho nu na necrópsia, mas é constatado através de respostas e

Amazônia, da Tortuga, e responsável pelo Campo Experimental Bovinos de Corte, mantido pela empresa em Rondonópolis, MT, ele proferiu incontáveis palestras sobre nutrição mineral e manejo de bovinos, tendo atendido mais de quinhentas fazendas com problemas de Síndrome da Subnutrição. Seu olho clínico já viu 50 mil cabeças acometidas pela doença, chegando a presenciar a morte de até trezentas cabeças em apenas uma semana. No seu currículo constam ainda perto de 1 mil autópsias a campo.

Quem é João Osmar

Natural de Rio Verde, MS, 48 anos, João Osmar de Oliveira é formado em medicina veterinária pela Universidade Federal de Minas Gerais e há vinte anos vem realizando trabalhos de campo e prestando assistência técnica a criadores do Centro-Oeste brasileiro. Gerente do Programa de Mineralização Correta para a

Opinião

Trecho da carta do Secretário Geral do Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado de Mato Grosso

"Ao agradecermos o envio do trabalho Síndrome da Subnutrição, de autoria do médico veterinário João Osmar de Oliveira, queremos ao mesmo tempo parabenizar o autor pela feliz abordagem e tecer alguns comentários sobre o tema enfocado. Realmente a pesquisa com demonstração de resultados, sem preocupação do academicismo, é um fato que incomoda. Infelizmente os João Osmar não pululam em nosso meio, pois são poucos os que falam e entendem o linguajar do boi, da vaca, dos pastos. São trabalhos como a Síndrome da Subnutrição que fazem os menos avisados ficarem de orelha em pé e alertas para a análise dos problemas da fazenda. O trabalho de João Osmar deve ser reproduzido e mandado a todos os técnicos envolvidos na produção animal, bem como aos pecuaristas interessados em bem produzir."

José Roberto Mansur Bumlai

estímulos provocados e da própria sintomatologia clínica de incoordenação, prostração e paralisia.

Oportunistas - O tratamento consiste em medicação terapêutica à base de antibióticos e quimioterápicos para combater as doenças oportunistas e infecções secundárias. O tratamento nutricional, com produtos à base de hidratantes, minerais, antitóxicos energéticos e vitaminas, visa a restabelecer a organização fisiológica e o equilíbrio eletrolítico. Além disso, comida, água e proteção contra as intempéries fazem parte muito importante do tratamento para levantar o gado acometido da Síndrome da Subnutrição que recebeu muitas denominações, como Botulismo, Mal da Vaca Caída, Toxemia Gravíssima, AIDS Bovina, Doença Misteriosa, Poliencfalomática e outras.

AFTOSA.

Não jogue

com a sorte.

Você pode

perder tudo.

7

Noticiário
Tortuga

Encontro dos agentes gaúchos



Foi realizado em meados de julho, em Carazinho, o primeiro encontro dos agentes de empresas que representam a Tortuga no Rio Grande do Sul, do qual participaram 22 profissionais. Coordenado por Erson Eldor Stapenhorst, gerente da unidade da empresa de Porto Alegre, o evento teve também a participação de Nelson Backes e Alcir Picolin, que introduziram importantes questões sobre pecuária de corte, de leite e suinocultura.

EXPOPARDO

Palestras sobre boi e prova do Limousin

Os organizadores da Exposição Agropecuária e Industrial de Santa Cruz do Rio Pardo (Expopardo), SP, que vem se consolidando como um dos principais centros de comércio

de gado de corte do país, promoverão no dia 19 de setembro próximo, as 9 horas, o I Encontro Expopardo de Atualização Agropecuária. Serão três palestras e uma delas estará a cargo do zootecnista Luis Carlos Tayarol Martin, do Departamento Técnico da Tortuga, que discorrerá sobre modernas técnicas do confinamento de bovinos de corte. A outra palestra será apresentada pelo professor João Barrison

Villares, sob o título "Aspectos modernos dos cruzamentos para produção de carne", que na oportunidade iniciará, nos recintos da Expopardo, a 1ª prova de ganho de peso da raça Limousin no Brasil. Encerrando o evento, o agrônomo Victor Abou Nehmi Filho, vice-presidente do Sindicato Nacional dos Pecuáristas de Gado de Corte, falará sobre tendências do mercado da carne.

SUÍNOS

Conselho do técnico canadense

O que acontece com animais que comem ração contaminada

Desconfie da presença de toxinas de fungos na ração de suínos, quando o plantel de reprodutores parece deteriorar-se em sua performance reprodutiva, enquanto sua genética e seu programa nutricional permanecem inalterados. Esse é o conselho do especialista em suínos do Ministério da Agricultura do Canadá, dr. Ed Marrie.

Segundo ele, as micotoxinas podem também ser responsáveis por alterações no comportamento das fêmeas, as quais parecem mais nervosas, irritadiças e agressivas do que o usual. Os baixos níveis de micotoxinas em matérias-primas de rações são difíceis de serem detectadas quando não resultam

na sua rejeição, ou em óbvias falhas reprodutivas e prolapso do reto. É possível também que esses e outros sintomas apareçam em intervalos irregulares.

O especialista canadense avisa ainda que enquanto os testes para detectar as toxinas estão sendo feitos, é possível que a matéria-prima causadora do problema já esteja toda consumida. Já que testar ra-

ções não é um método muito confiável para detectar o problema, falhas no ciclo reprodutivo podem representar o único caminho para saber se micotoxinas estão presentes nas rações.

Porcas que normalmente retornam ao cio rapidamente, podem demorar mais tempo para voltar ao cio depois do desmame (quando recebem rações com toxinas). Outras mostram sinais fortes de cio, mas somente por períodos curtos e intervalos irregulares. Em alguns casos o acasalamento obviamente não é bem sucedido, enquanto outras porcas que parecem ter concebido de primeira, acabam retornando ao cio mais tarde.

